

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

e-mail : ceclx@sapo.pt

ANO 41

2024

Nº. 253

JANEIRO - FEVEREIRO

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217647441	Editorial	2
	Recordando A. Kardec	3
	Ambição Nobre	6
	Jesus (Poema)	10
	Jesus, a educação...	11
	Natal és tu...	18
	Ricos a pedir...	19
	O essencial permanece	22
	Poema	26
* Director Responsável Manuela Vasconcelos *		
Distribuição Gratuita	*	
*		

EDITORIAL

No início de cada ano, é comum e vulgar – banal, até, diríamos – ouvirmo-nos a uns e a outros a desejarmos PAZ Mas ninguém afirma que a Paz que desejamos seja a Paz que Jesus nos doou quando afirmou que “A minha Paz vos dou, a minha Paz vos deixo” (João, XIV: 27). Apenas, desejamos Paz , sem imaginarmos, com certeza o verdadeiro significado da palavra, significado esse sempre relacionado com os nossos sentimentos, com o equilíbrio moral que, ao longo dos séculos, temos talvez tentado descobrir e conquistar...

Hoje, esse significado torna-se ainda mais amplo, considerando as guerras que grassam pelo mundo como se, quem as cria o fizesse para terminar com a harmonia que ela traria onde os homens procurassem instalá-la.

Perguntemos aos povos que já a viveram ou vivem se querem a guerra e eles com certeza que responderão negativamente; perguntemos àqueles outros, desses mesmos povos, se vale a pena viverem no pavor de tudo o que ela representa e eles, recordados ainda dos medos, das privações, das perseguições, das faltas, responderão também negativamente, e, por último, perguntemos aos povos que já a tiveram e agora vivem calmamente embora lutando com as dificuldades inerentes a cada situação, se querem voltar a viver como então, e eles, que não esqueceram ainda, responderão também negativamente!

Por muito aguerridos que uns e outros sejam, na sua maneira de ser e não conseguiram ainda vencer, ou pelos ódios que continuem a alimentar mesmo sem razão, ninguém quer o desequilíbrio que uma guerra provoca, ninguém deseja a insegurança que ela leva nos locais onde se instala!

Então, embora não sejamos ainda capazes de viver a paz que Jesus afirmou dar-nos, pela nossa imperfeição, pelos nossos desequilíbrios, vivamos, pelo menos, a esperança de um dia sermos capazes de a construir e vamos, cada um de per si, tentando sempre o melhor para que, onde quer que esteja, tudo – material e espiritualmente – tudo seja paz ao seu redor e nos seus corações. Procuremos, para construir a nossa Paz, procuremos amar sempre mais e melhor!

... E que sejam esses os votos que nos façamos no início deste novo ano!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar aos que não nos amam é a sua aplicação sublime, porque essa virtude representa uma das maiores vitórias conquistadas sobre o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, geralmente, erramos quanto ao sentido da palavra *amar*, aplicada a esta circunstância. Jesus não pretendeu ensinar que se deve ter pelos que não nos amam, o mesmo carinho que se tem por um irmão ou por um amigo. O carinho pressupõe confiança; ora, não se pode ter confiança naquele que se sabe que nos quer mal. Não se pode ter para com ele as efusões de amizade, desde que se sabe que pode abusar delas. Entre pessoas que se desconfiam mutuamente, não podem haver as manifestações de simpatia existentes entre aquelas que comungam nas mesmas ideias. Não se pode, enfim, ter a mesma alegria ao encontrar um nosso desafecto, como se tem com um amigo.

Essa diversidade de sentimento, por um lado, é resultante de uma lei física: a da assimilação e repulsa dos fluídos. O pensamento menos puro emite uma corrente fluídica que causa penosa impressão; o pensamento benévolo, por sua vez, envolve-nos num eflúvio agradável. Daí a diferença de sensações que se experimenta, à aproximação de uma pessoa que nos ama e de uma que não nos ama. Amar aos nossos desafectos não pode, pois, significar que não se deve fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos. Este preceito parece de difícil prática, porque falsamente supomos que ele manda darmos a uns e a outros o mesmo lugar no coração. Se a pobreza das línguas humanas nos obriga a usarmos a mesma palavra para exprimir formas diversas de sentimento, a razão deve fazer as diferenças necessárias, segundo os casos.

Amar aos que não nos amam, não é, pois, ter por eles uma afeição que não é natural, uma vez que o contacto de um desafecto faz bater o coração de modo diverso que o de um amigo. Mas é não alimentar contra eles nem ódio,

nem rancor, ou desejo de vingança, é perdoá-los sem segunda intenção ou incondicionalmente, pelo mal que nos fizeram, sem opor qualquer obstáculo à reconciliação. É desejar-lhes o bem e não o mal. É alegrar-nos em lugar de aborrecer-nos com o bem que os atinge. É estender-lhes a mão caridosa em caso de necessidade. É abster-nos por actos e palavras, de tudo o que possa prejudicá-los. É, enfim, pagar-lhes em todo o mal com o bem, sem a intenção de humilha-los. Todo aquele que assim praticar, cumpre as condições do mandamento: Amai aos que não vos amam.

Amar àqueles que não nos amam, é para o incrédulo um contrasenso. Aquele para quem a vida presente é tudo, vê naquele que não o ama um ser pernicioso que lhe perturba o repouso e do qual unicamente a desencarnação o pode desembaraçar. Daí o desejo de vingar-se. Nenhum interesse tem em perdoar, senão para satisfazer ao seu orgulho perante o mundo. Em certos casos, perdoar-lhe parece mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de conservar rancor e um certo desejo de mal para o outro.

Para o crente, e sobretudo, para o espírita, muito diferente é o modo de ver, porque suas vistas se lançam sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida actual não passa de um simples momento. Sabe ele que, pela própria destinação da Terra, deve esperar nela encontrar homens menos bons e propensos à prática de actos menos dignos, que as maldades com que se depara fazem parte das provas que lhe cumpre suportar e o ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as vicissitudes, quer venham dos homens, quer das coisas. *Se não se queixa das provas, não deve queixar-se também dos*

que lhe servem de instrumento. Se em vez de queixar-se, agradece a Deus o experimentá-lo, *deve também agradecer a mão que lhe oferece ensejo de demonstrar a sua paciência e a sua resignação.* Esta ideia o dispõe naturalmente ao perdão. Bem sabe além disso que, quanto mais generoso for, tanto mais se engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance dos dardos do seu desafecto.

O homem que no mundo ocupa posição de destaque não se julga ofendido com os insultos daquele a quem considera seu subalterno. O mesmo acontece com o que no mundo moral se eleva acima da humanidade material. Esse compreende que o ódio e o rancor o envileceria e rebaixaria. Ora, para ser superior ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a deste último.

ALLAN KARDEC

(In: Evangelho Segundo o Espiritismo, ed. FEESP 1974, cap. XII, n.ºs. 3 e 4).

*

AMBIÇÃO NOBRE

Gravitar rumo aos Mundos Superiores, eis a ambição nobre que devemos acoroçoar. – R. C.

“O homem não deve procurar elevar-se acima do Homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se. – Santo Agostinho¹

Segundo Santo Agostinho¹, “(...) o homem foi bastante engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pode imaginar as alegrias do Céu. Por quê?!

Porque, sendo inferior, só há experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; não pode, pois, falar do que desconhece. À medida, porém, que se eleva e depura, o horizonte se lhe dilata e ele compreende o mal que lhe está atrás.

Necessitamos, ainda, dos contrastes para conhecermos e valorizarmos as coisas. Por exemplo: precisamos das trevas para valorizar a luz; do mal para admirarmos o bem, da doença para apreciarmos a saúde. Nos mundos superiores isso não é necessário. Lá a eterna luz, a eterna beleza e a serenidade da alma proporcionam uma alegria constante, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material, ou pelo contacto dos maus, que lá não têm acesso... Isso o que o espírito humano maior dificuldade encontra para compreender.

Nos mundos superiores à Terra, o homem é movido por uma emulação abençoada que o induz a estudar com ardor para os igualar num patamar superior. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios, os mesquinhos ciúmes, as baixas cobiças da inveja. Um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o

necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe!...

(...) Entanto, os mundos felizes não são orbes privilegiados, visto que Deus não é parcial para qualquer de Seus filhos: a todos dá os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem a tais mundos. Fá-los partir todos do mesmo ponto e nenhum dota melhor do que aos outros; a todos são acessíveis as mais altas categorias: apenas lhes cumpre conquistá-las mediante seu próprio labor e alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por séculos no lodaçal da humanidade.”

Num degrau imediatamente superior ao esquema de vida dos mundos de Provas e Expições, isto é, nos mundos de Regeneração, a felicidade perfeita ainda não existe, mas, vislumbra-se a aurora da felicidade. Nesses Orbes, o homem ainda é de carne, por isso sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda têm de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da Expição. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitar um deles, pois representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa melhor do que vós, o futuro: compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida.

Então, liberta a Alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a

aspirar as emanções do próprio Deus, nos aromas de amor e caridade que do Seu seio emanam...”

Convida-nos Santo Agostinho¹a “(...) *contemplar – à noite – à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras Esferas que brilham sobre as nossas cabeças, indagar de nós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedir-Lhe que um Mundo Regenerador nos abra seu regaço, após a expiação na Terra*”.

Os Espíritos Superiores nos aconselham fazer perseverantes esforços de aprimoramento íntimo, mantendo sempre limpos os pensamentos, a fim de que – já na próxima reencarnação – não precisemos vir à luz num mundo de provas e expiações.

Gravitar rumo aos Mundos Superiores, eis a ambição nobre que todos devemos e podemos acoroçoar.

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Seg. o Espiritismo*. 125 Ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2006, cap. III, item 10.

ROGÉRIO COELHO

Manhuaçu – M. Gerais – Brasil

*

J E S U S

E a chegada anunciada, aconteceu!
O Menino nasceu,
Cresceu,
Entre os homens viveu!
Amou, curou,
Ensinou...
Mas não foi compreendido
Mas perseguido,
Aprisionado,
Condenado, crucificado,
Morreu mas está entre nós:
Quando o silêncio se torne mais baixinho,
O vento sussurra
O seu nome, num apelo...
E as ondas do mar batendo na areia,
Repetem numa litania
O ensinamento maior
De quem exemplificou o Amor.
Perdoou, hoje e sempre,
E amou,
Amou eternamente!

UM ESPÍRITO AMIGO

(Psicografia em Novembro, 2003).

JESUS, A EDUCAÇÃO DO HOMEM E A ERA DA REGENERAÇÃO

Os historiadores dos dois planos – físico e extrafísico, espantam-se admiravelmente ao observarem os profundos contrastes da atmosfera da Terra, à espera de uma nova era: o século do Evangelho e da Boa Nova. A esfera do Cristo aproximava-se do globo terrestre. Numa vibração de amor e de beleza, acercavam-se da Terra os Espíritos que vestiriam uniforme físico, na preparação da atmosfera terrestre.

Acreditamos que tudo era como um dos mais conceituados e harmoniosos concertos movidos pela sinfonia universal, na incomensurável beleza complexa da mãe Natureza.

Com a pobreza de nossa expressão, queremos dizer que era a confraternização de todos os seres, desde o menor insecto aos astros que gravitavam no espaço, em agradecimento ao Criador.

O verde era mais verde, as águas mais puras e cristalinas, o beijar da vaga era solene sobre a bacia do glorioso Tiberíades; o céu azul emoldurava a paisagem; era melodioso o gorjear dos pássaros; portanto, décadas antes da Era Cristã, já havia nas imediações da gloriosa

Jerusalém, um lar cristão. Era o lar de Ana e Joaquim, ambos judeus piedosos, já de idades bem avançadas, que residiam nas proximidades do grande templo, sendo assíduos e dedicados nas reuniões e tarefas relacionadas a Deus.

Joaquim, pelo fruto abençoado de seu trabalho honesto, era pastor próspero, homem generoso e cumpridor de seus deveres. Ana, dedicada e carinhosa, de coração extremamente maternal, e sem filhos. Conta a história que ambos, em reunião no lar, estudavam a Torá (os cinco livros atribuídos a Moisés: Génesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterónimo) as leis de Deus e intimamente agradeciam a benção do privilégio de poder participar das reuniões do Templo. Porém, sabiam que eles eram clandestinos pelas leis do Templo, por não terem descendentes.

Certa feita, quando Joaquim estava fazendo suas oferendas no altar, de coração voltado a Deus, aproximou-se deles um dos sacerdotes, que o chamou de indigno e o expulsou de sua tarefa no templo, porque ele era o único que não possuía descendência entre as tribos de Israel. Ana diz-lhe: “Joaquim, vá ao deserto jejuar, você é bom e Deus há de nos abençoar”. Um dia, receberam simultaneamente a visita de um mensageiro espiritual, que lhes deu a notícia de que haviam sido escolhidos para receberem, como pais, aquela que seria a mãe de Jesus Cristo.

Ana anuncia a Joaquim que eles seriam pais, ambos abraçam-se e sem conter as emoções, agradecem ao Senhor da Vida pelo “milagre” do estudo e as orações do lar. Diz Ana: “Querido, como Deus é bom e Ele aparece

mais lindo e mais perto de nós nos momentos mais difíceis, como a luz que se faz mais clara nas noites mais escuras!

Nasce Maria. A menina cresce em graça, sabedoria e beleza, sob a ternura e dedicação de sua mãe, Ana, de quem recebe esmerada educação. Miryam (ou Maria), dedicava-se às tarefas do Templo e gostava de cantar, fazia parte do orfeão. Ao completar 15 anos, seus pais, com diferença de meses, foram chamados ao plano espiritual. Maria foi levada pelos parentes, para proteger sua orfandade, ao Colégio Sion, junto com outras jovens, recebendo os cuidados dos sacerdotes Simeão e Eleazar.

Miryam tecia em linho, com mãos dedicadas, os mantos sacerdotais e tocava instrumentos, acompanhando os salmos de louvores a Deus. Era comparada a um raio de luar sobre a serenidade de um lago dormindo ao orvalho, num jardim de lírios em flor. Porém, seu instrumento mais harmonioso eras as cordas vocais que, accionadas, emitiam sons em forma de gorjeios, tal como seres angelicais nas solenidades do grande Templo, de portal de ouro.

Em suas orações, Miryam lembrava-se de seus pais e idealizava ter esposo, filhos, lar, isto é, uma família. Ela não pedia ao Senhor, agradecia, porque sabia de sua tarefa maior, sonhava com a maternidade. Segundo a tradição, José, por ser descendente de David, tinha o direito de escolher, para casar-se, uma jovem do Colégio Sion.

Analisando as Escrituras e procurando o significado das entrelinhas, leva-nos a crer que não foi fácil o casamento, para Maria. A caminho de Jerusalém para Nazaré, ela ficava silenciosa e José, preocupado, pergunta:

- Miryam, porque não falas? Estás triste?

José buscava o diálogo amoroso. Maria responde:

- José, não estou triste, tenho a impressão de que a fala interrompe a felicidade que invade o meu coração.

- Porquê? – diz José – Não entendi.

Deus está-nos abençoando pela realização de nossos ideais. Porque encontrei um irmão que vai repartir comigo seu tecto, seu coração e seu pão.

Sobre a humilde casa de José, revoada de pássaros davam as boas vindas à criatura elevada que traria ao mundo o Embaixador Celeste.

Queremos lembrar aqui que numa noite de Dezembro de 1984 o abnegado Espírito Emmanuel ditou, por intermédio do médium Francisco Cândido Xavier, um retrato falado de Maria de Nazaré ao fotógrafo Vicente Ávela, de São Paulo.

A História apresenta Maria preocupada em entender o que estava acontecendo com ela. Apesar de sua sensibilidade mediúnica, assusta-se quando um Espírito do Senhor se aproxima e a saúda:

- Deus te salve, cheia de graça! O Senhor é convosco! Bendita sois entre as mulheres! Bendito é o fruto do vosso ventre!

Afinal, que saudação era aquela?

“ - Não temas, conceberás e darás à luz um filho e este será chamado o filho do Altíssimo. E reinará eternamente”.

Maria responde, humildemente:

“ – Eis aqui a escrava do Senhor! Faça-se em mim segundo a Sua vontade”.

O coração materno é uma taça de amor, onde a vida se manifesta em todos os instantes, no decorrer das tarefas do mundo; ser mãe é despender em carinho, protecção e amor.

Maria é o exemplo de mãe extremosa, abnegada e justa. Jesus, o ideal mais nobre de seu coração. Quantas noites passou a recordar-se de momentos mais felizes que enlevaram sua alma ao lado do Menino-Luz, seu nascimento, seus primeiros passos, quando de sua conversa com os doutores da lei, no Templo de Jerusalém! Era conhecido por Menino-Luz, provocava admiração e deixava transparecer sua nobreza. No trabalho, no amor e valorização da família.

Portanto, cabem aqui algumas sugestões sobre a tarefa e as responsabilidades das mães, nesse momento em que o planeta passa por transformações decisivas. Estamos envolvidos num clima pesado de falta de compreensão, desamor e injustiça, isto é, mundo globalizado, porém conturbado pela troca de valores. O que er antes importante, hoje é insignificante. Por isso, o lar é a primeira escola. Por isso, a grande tarefa dos pais neste terceiro milénio. Novamente, à mulher, ou às mulheres, está reservada a tarefa da educação, pelo coração e

raciocínio da nossa Humanidade, que irá povoar a Terra, enchendo-a de bênçãos. Por isso, a sociedade é constituída de elementos que se formam nos lares. Se os pais, especialmente as mães, falharem na educação dos filhos, eles falharão com a sociedade, na vida profissional e com eles mesmos.

Vamos juntos, neste propósito de renovação moral e conduta recta, na esperança de que no terceiro milénio venhamos a entrar na Era da Regeneração, modificando a Terra, enchendo-a de fluídos e energias positivas. Vamos iniciar em nossos lares este alicerce seguro, construído na rocha firme da conscientização de um mundo melhor. Quando vierem os ventos das renovações aos rios do progresso, a tecnologia avançada, nossa construção estará firme.

Assim, estaremos formando nossos filhos, que serão bons e ilustres cidadãos, para que eles ajudem Jesus na renovação do mundo, como diz uma conhecida mensagem em que o Espírito está com medo de reencarnar na terra, e seu mentor pede para que ele não se preocupe, pois será recebido por um anjo. “-Como vou reconhecê-lo?” – ele pergunta. O mentor espiritual informa que este anjo lhe será apresentado com o nome de *mãe* e por este nome ele o chamará por toda a vida, pois o coração materno é uma taça de amor a derramar luz, onde a vida se manifesta em todos os instantes.

MARIA TONIETTI COMPRI

(Folha ‘Crónica Evangélica’, de Maio de 2006, da Federação Espírita do Estado de S. Paulo (FEESP).

*

Nosso Esclarecimento perante este texto:

Fizemos a sua transcrição por encontrarmos nele uma certa ‘poesia’ que nos tocou o coração, como tudo o que diz ou faz referência a Maria, pelo muito que a amamos; no entanto, as referências aqui apontadas são totalmente diferentes daquelas outras que, ao longo dos tempos, temos lido e ‘descoberto’ em variadíssimos autores. Assim, o nascimento de Maria, a sua entrega ao Templo que todos afirmam ter sido aos 3 anos; o seu casamento com José, que terá sido com 12 ou 13 anos. Tudo aquilo que aqui vem referido como suas “prendas”, embora aceitemos que no Templo algo terá aprendido, parece mais o exagero de quem a “quis”, logo de início, faz-la diferente de todas as outras jovens. Inclusive, o facto de vir a ser Mãe de Jesus, que, em todos os outros textos encontrados – menos no do Espírito Miramez, no seu livro “Maria de Nazareth”, psicografado pelo médium brasileiro João Nunes Maia, e editado pela Fonte Nova, editora brasileira, em que ela também é referida como um ser totalmente diferente de todas as outras jovens – só muito mais tarde ela terá vindo a saber que seria (era) a Mãe do Messias. Sem o podermos afirmar categoricamente, pensamos que foi só quando Jesus começou a sua missão, é que Maria começou a perceber quem era o Filho, porque nem mesmo quando pelos seus 12 anos, o foi encontrar, conjuntamente com José, a discutir a Lei com os Doutores do Templo, nem aí ela percebeu quem era a criança que dera à luz.

Então, fica aqui este apontamento, como um esclarecimento sobre as diferenças ora referidas. - M.V.

NATAL ÉS TU ...

Natal és tu,

Quando decides nascer novamente todos os dias e deixar entrar Deus na tua alma.

A árvore de Natal és tu,

Quando resistes fortemente aos ventos e às dificuldades da tua vida.

As decorações de Natal és tu,

Quando as tuas virtudes são as cores que adornam a tua vida.

O sino de Natal és tu,

Quando chamas, reúnes e tentas unir.

És também a Luz do Natal,

Quando iluminas com a tua vida o caminho dos outros, com a bondade, a paciência, a alegria e a generosidade.

Os anjos de Natal és tu,

Quando cantas para o mundo uma mensagem de paz, de justiça e de amor.

A estrela de Natal és tu,

Quando levas alguém ao encontro do Senhor.

És também os Reis Magos,

Quando dás o melhor que tens sem te importares a quem o dás.

A música de Natal és tu,

Quando conquistas a harmonia dentro de ti.

O presente de Natal és tu,

Quando és um verdadeiro amigo e irmão de todos os seres humanos.

As felicitações de Natal és tu,

Quando perdoas e restabeleces a paz, mesmo quando sofras.

A ceia de Natal és tu,

Quando sacias com pão e com esperança o pobre que está a teu lado.

Tu és a noite de Natal!,

Quando humilde e consciente recibes, no silêncio da noite, o Salvador do mundo, sem barulho nem grandes celebrações!

Tu és o sorriso da confiança e ternura

na paz interior de um Natal perene que estabelece o reino de Deus dentro de ti.

Um bom Natal a todos os que se assemelham ao Natal.

PAPA FRANCISCO

(Porque “Natal é sempre que o homem quiser, transcrevemos esta ‘identificação’ de Natal que achamos maravilhosa).

+

RICOS A PEDIR...

Debruçamo-nos sobre o nosso comportamento para com Deus e concluímos que todos nós, regra geral, somos realmente imensamente ricos a pedir, mesmo quando de

nada necessitamos, mas poucas vezes – raríssimas – incluímos nas nossas orações um agradecimento, simples que seja, que fale do muito que reconhecemos que recebemos do Senhor... e no entanto, se olhássemos á nossa volta, se nos debruçássemos sobre tudo o que d’Ele nos vem, que imensa lista de dádivas não teríamos que referir, seja do dia a dia, como das semanas, meses, anos!

E iniciando a lista, teríamos logo que agradecer a família, o não estarmos sós; depois, referíamos, ainda, os amigos, os colegas de trabalho que tantas vezes nos valem quando mais ‘atrapalhados’ nos encontramos...

Mas relacionada mesmo connosco, teríamos que agradecer a saúde, todas as vezes que nos mantemos firmes, de pé, quando tantos caem e percorrem consultórios e têm sempre mais um exame para fazer até que a máquina de um técnico descubra, afinal, o que foi que os desequilibrou e colocou K. O. – como se diz modernamente!

Temos um bem-estar material que nos coloca acomodados, enquanto tantos outros lutam por um pouco do nada que precisam conquistar! Temos um tecto, que nos cobre e agasalha, enquanto tantos nossos irmãos percorrem as estradas, procuram nichos debaixo de pontes ou vãos de escada, para se aninharem... os sem abrigo!... E quantos deles não terão tido, também, boas situações que a Vida lhes roubou, fosse qual fosse o motivo?!

Quantos não vão, diariamente, à chuva, ao sol, ao frio, ao vento, para a fila dos indigentes, por vezes aguardando horas para receberem um simples prato de sopa, enquanto a nossa mesa, farta, nos basta sem que nos

lembramos desses outros? E agradecemos? E lembramos de chamar alguns para a nossa mesa, ofertando-lhes tanto do que nos sobra? Por acaso – um simples acaso - lembramos de juntar uns pacotes de mercearias para entregarmos senão a alguém que saibamos em piores condições, mas para entregarmos numa dessas Instituições que socorre esses nossos irmãos? Eles dão, mas quantas vezes não estarão até ao último minuto sem saberem como satisfazerem a dádiva diária? Quantas vezes não terão tido de “deitar mais água no feijão” para que o caldo, feito com amor, sempre, chegue para todos os que aguardam o que mais ninguém lhes dá?

Jesus veio ensinar a caridade – o Amor, que no Seu tempo a palavra “caridade” ainda não tinha sido inventada - mas, quem se lembra que Ele disse que “tudo aquilo que fizeres a um destes mais pequeninos, foi a Mim que o fizeste”?

Ninguém. Ninguém, e somos tão ricos a pedir que, quando oramos nem sequer nos lembramos de dizer “Obrigada, Pai, por tudo o que me dás”; “obrigada pelo dia de hoje”; “obrigada pela maneira como me proteges”; “Obrigada... obrigada... obrigada...”

Um agradecimento, por pequeno que seja, mostra que não somos ingratos e revela, também, que nos apercebemos de tudo aquilo que recebemos. Então, nas orações de cada um, se passar a existir um agradecimento pelo que se recebe de Deus, talvez se mostre assim que, embora continuemos sem vencer o egoísmo, já somos capazes de reconhecer que não estamos sós no Universo e que tudo o que possuímos nos vem do Senhor.

Afinal, já é tempo de deixarmos de ser filhos ingratos... filhos que só sabem pedir, mas nada nos preocupamos em dar ou agradecer!

MANUELA VASCONCELOS

*

O ESSENCIAL PERMANECE SEMPRE

Reveja algumas fotos suas em idades diferentes, desde a infância.

Diversas idades, diversas experiências, muitas lembranças, várias mudanças em todos os aspectos.

O que é constante em toda essa linha do tempo? – Isso mesmo, você, o observador que observa a si mesmo!

Aquilo que é visto, pensado, sentido, e aquele que vê, pensa e sente, não pode ser confundido.

Quem vê um objecto, não é o objecto.

Nas suas recordações fotográficas a forma do corpo mudou. Você permaneceu. Pois você não é o corpo, você tem um corpo.

Tantos pensamentos vieram e se foram. Você permaneceu. Pois você não é os pensamentos, você é quem pensa. Você não é a mente. Você tem uma mente.

Quantos sentimentos e emoções você sentiu mas passaram. Você permaneceu. Pois você não é o sentimento. Você é quem sente.

O destaque é a não fixação nas experiências tidas, é nas em quem as experimentou.

O seu corpo, por si mesmo, não pode falar, não pode ver, não pode pensar.

Aquilo que anima o seu corpo, aquilo que inicia toda a acção, você é isso!

O que vem e vai em todos os momentos, é apenas uma aparência.

Aquilo que percebe todas as idas e vindas é a única substância, o que permanece: é você, além do tempo que passa.

Aquilo que é anterior ao nome e à forma é o que é verdadeiro.

Ao se beber desse *elixir da compreensão*, a vida é reconhecida como eterna, e você se percebe imortal.

A destruição de crenças falsas, desnecessárias, paralisantes, é superior à criação de crenças.

A destruição da identificação com o mutável, irrelevante, secundário, é superior à criação da identificação.

Quando todas as destruições da egolatria, esse culto de si mesmo, e do orgulho, que ilude com a suposição de ser o que não se é, são concluídos, o que resta é o mais elevado e, ainda assim, o mais ordinário, o mais essencial, o primordial.

Com o tempo, todos esses *eus formados com o tempo* e com os eventos existenciais, mudam e desaparecem. *Nada circunscripto ao tempo* pode ser eterno. Aquilo que está além do tempo é a eternidade em si. Ouvir seu chamado e com ele se identificar, é o fim do tempo: a eternidade.

Portanto, aquilo que é, aquilo que será, é o solo fértil a se explorar em todos os momentos vivenciais: o Espírito e, decorrente dele, a vida espiritualizada.

Para isso estamos na experiência existencial.

O viver diário é um meio para, bem aproveitado, se alcançar o preconizado: bem-estar espiritual, a Vida em abundância, como anunciado por Jesus.

O fim do indivíduo, ou seja, fim de suas crenças e valores limitadores, com os quais se identifica, não é o fim da grandeza, é o fim da pequenez.

Essa a grande rutura entre o finito e o infinito, o temporal e o atemporal, a mortalidade e a Imortalidade, o impermanente e o permanente, o mutável e o imutável, o transitório e a eternidade, esta que tudo contém, sem ser nenhum, pois eternidade não tem começo nem fim, porém sempre é.

Com estas observações e reflexões, se conclui que o que precisa ser conhecido, com urgência, *não é o que a mente pensa*: o ser pensante, o ser eterno, o Espírito e a Espiritualidade.

Estas ponderações demonstram que somos seres imortais e, por conseguinte, que temos a oportunidade de quebrar nossos actuais padrões e hábitos de simples mortais.

Por que não nos interessamos o suficiente por nós mesmos para admitir esta efectiva realidade e mudar?

Por que tentamos continuamente nos enganar?

A estrutura social está de tal maneira organizada que gera, para alguns, constrangimento em *romper* com o modo de vida materialista, o que explica, embora não justifique, que são poucas as pessoas capazes de tomar a decisão de mudar suas vidas e, menos ainda, as que têm o desejo de fazê-lo.

Também por isso, o Caminho, a Verdade e a Vida veio até nós, para nos dizer que não tenhamos medo de aprender, nem medo de crescer e assumir responsabilidade maior que vem com o crescimento.

Ele, Jesus, nosso Guia e Modelo, afirmou: Não tenham medo, tenham bom ânimo. *Eu venci o mundo!*

Se queremos atingir a paz e o equilíbrio interiores, precisamos começar a autorrenovação com honestidade, coragem, determinação e persistência.

Imortais já somos, precisamos começar a viver como seres imortais.

É dito que a morte é o fim da escravidão ao corpo e à mente.

Considerando-se isso, alguns afortunados *morreram* antes de *morrerem* e, ao fazê-lo, atingiram a Imortalidade. *Viveram no mundo sem ser do mundo.*

Apesar da eternidade, o *tempo urge*.

Agora é o seu momento de decisão!

Escolha a felicidade!

(Editorial do Jornal MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, Curitiba, de Novembro de 2022, de onde o transcrevemos com a devida vénia).

*

POEMA

Senhor Jesus!
Quando eu voltar à Terra
E estiver de memória parcial,
Qual o doente sob anestesia
Para sofrer bendita cirurgia
Que me livre do mal,
Não me deixes a sós em meu passo imaturo...

A fim de construir o meu próprio futuro
Não permitas, Senhor, que eu siga às tontas,
Como quem sabe dirigir as próprias contas.
Embora reconheça a lei de liberdade,
Se posso procurar o que Te contraria,
Não me deixes fazer aquilo que me agrada;
Apaga em mim a vocação do mando,
E ensina-me, Senhor, a obedecer.
Ajuda-me a encontrar,
Onde estiver vivendo ou trabalhando,
O prazer de servir como simples dever.
Se eu te pedir felicidade,
Nos erros e ilusões que outrora quis,
Não me faças feliz.
Se te requisitar destaque e brilho
Para comportamento frio e ingrato,
Não me tires ao chão do anonimato.
Se eu te solicitar um corpo lindo
Para voltar, na sombra, à estaca zero,
Não me deixes viver na forma que mais quero.
Se te implorar dedicações
Para desorientar-me novamente,
Deixa-me a solidão por mestra permanente.
Caso anseie por via emancipada
Para menosprezar encargo e compromisso,
Acorrenta-me os pés ao campo do serviço.
Se te rogar facilidades
Fóra das bênçãos com que me renovas,
Guarda-me sem cessar,
No cárcere das provas.
Perdoa-me, Senhor, se peço tanto;
É que somente agora me levanto
Nos dons com que me elevas...
Tantas vezes no mundo fiz-me grande

E subi tantas vezes
Para cair nas trevas!
Agora que te escuto, em toda a parte,
A convidar-me para a Luz Divina,
Ouve, Jesus!... Anseio acompanhar-Te:
Quero ser pequenina.

MARIA DOLORES, Espírito

(Psicografia do médium brasileiro Francisco C. Xavier).

*

PROPOSTA PARA 2024

*Aproveitar cada um a concessão de mais este ano
que lhe é concedido, para fazer dele a **chave** para
um mundo melhor, procurando cumprir sempre
com o Mandamento : **AMAR O PRÓXIMO
COMO A SI MESMO.** Bom 2024 para todos!*

*

